

A loucura na obra de Maura Lopes Cançado: nas trilhas do internamento

83

Abílio Neiva Monteiro¹
Algemira de Macêdo Mendes²

Resumo:

O presente trabalho analisa a representação da loucura em *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado. A pesquisa é de caráter bibliográfico, tendo como base os textos de Michel Foucault, João Frayze-Pereira, entre outros. As ações que fogem às regras são taxadas na maioria dos casos como loucura, e é nesse viés que se observa o comportamento da personagem Maura.

Palavras-chave: Maura Lopes Cançado. Hospício é Deus. Loucura.

Abstract:

This study aims to analyze the representation of madness on the Maura Lopes Cançado's work "Hospício é Deus". The research is bibliographic and has as its theoretical base the texts from Michel Foucault, João Frayze-Pereira, and others. The actions, which escape of the social rules, in the majority of the cases, are seen as madness and, considering this view, it is possible to observe the character Maura's-behaviore.

Key-words: Maura Lopes Cançado. Hospício é Deus. Madness.

1 Pós-graduando do Mestrado Acadêmico em Letras, linha de pesquisa: Literatura, Memória e Relações de gênero, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

2 Doutora em Letras pela PUCRS. Professora do Mestrado em Letras na UESPI e na UEMA.

1. Considerações sobre o sujeito louco na sociedade contemporânea

A loucura, constituída como um elemento enigmático, por estar mergulhada no íntimo do indivíduo, provoca intensos questionamentos no cotidiano social, que se ramifica no discurso do poder, construído por uma sociedade elitista, que enfatiza o jogo de interesses, que ganha força, segregando os seres, excluindo da maquinaria social, aqueles indivíduos que não se enquadram de acordo com a normalidade que é estabelecida como padrão a ser seguido pelos sujeitos.

Com isso, a loucura, por apresentar características e elementos que beiram o âmbito misterioso e complexo do ser e das suas relações com o meio, provoca no espaço social, a insatisfação e o medo, apresentando uma desordem. Assim, a loucura passa a ser configurada como uma resposta para os mais diferenciados comportamentos e ideias, por apresentar formas que divergem daquilo o que a sociedade pontifica dentro das bordas da normalidade, a loucura passa a ser apontada como um desvio de conduta ou como uma doença psíquica, sendo atribuída diretamente ao âmbito patológico.

Vista pela sociedade como desvio de conduta e, também, como doença mental, a loucura é relacionada diretamente ao âmbito patológico. Isso se estabeleceu, segundo os estudos de Foucault (2007), principalmente em seu livro intitulado *História da loucura*, desde as primeiras experiências da loucura, nas quais os seres considerados normais, que detinham o poder, julgavam e condenavam os seres que possuíam ideias e características diferentes. Com isso, todos aqueles que apresentassem um comportamento que não estivesse de acordo com os modelos a serem seguidos, tinham seus direitos interrompidos, e eram taxados como loucos.

Os discursos que fomentam a loucura como um desvio comportamental, ou tudo aquilo que se opõe às regras sociais, estão impregnados de conceitos arcaicos, vestígios de uma segregação, que ao longo do tempo foi sendo evidenciada pelo posicionamento da sociedade em relação à loucura e aos sujeitos considerados loucos.

De acordo com Michel Foucault,

O louco é demasiada e diretamente sensível para que se possa reconhecer nele os discursos gerais da loucura; ele só surge numa existência pontual – espécie de loucura – ao mesmo tempo individual e anônima, na qual ele se designa sem nenhum risco de errar, mas que desaparece tão logo percebida. Quanto à loucura, está infinitamente recuada; é uma essência distante, cabendo aos nosógrafos o trabalho de analisá-la em si mesma. (FOUCAULT, 2007, p.182)

Em uma relação de aproximação e distanciamento, a loucura e o louco ganham papéis diferenciados. A loucura abrange o todo, ultrapassa os recipientes e se multiplica em várias instâncias. Já o louco é restrito, apresenta a loucura em um dos seus vieses, ele se constitui em uma singularidade e especificidade, em cujo anonimato, paira a incerteza dessa insanidade.

O indivíduo considerado louco, de acordo com o discurso social, é a representação da incapacidade mental. A normalidade passa por uma reconfiguração, beneficiando a classe social dominadora, que passa a conceituar aquilo que entra em dissonância entre seus parâmetros.

Segundo Freyze-Pereira, em sua obra *O que é loucura*, a loucura se estabelece nas malhas interiores da razão,

A cremos em muitos pensadores contemporâneos, a loucura não é um fenômeno fundamentalmente oposto ao da chamada racionalidade ou normalidade. A loucura é interior à razão – eis uma proposição notável muitas vezes oposta sob suspeita, tão espantosa que se resiste a aceitar. Se a loucura é algo com que convivemos, paradoxalmente é algo difícil de se falar na primeira pessoa. Fácil é falar do outro, da loucura alheia [...]. (FRAYZE-PEREIRA, 2007, p.08)

A verdade defendida pelos seres considerados normais está permeada por ideologias que fortificam os interesses de um determinado grupo em detrimento do outro grupo. Essa verdade, nada mais é do que a visão social impregnada de conceitos arcaicos que são colocados como normas a serem seguidas. Assim, a problematização apontada por Frayze-Pereira (2007) anteriormente sobre a loucura, alerta para a dualidade entre razão e o “devaneio”, ambas as partes

estão interligadas, fazendo com que os discursos sociais, por estarem carregados de conceitos pré-concebidos, fomentem a ideia da segregação, fazendo com que a loucura ganhe o aspecto de monstro que alimenta as mentes dos seres, enfraquecendo e fazendo regredirem em suas ações, perdendo a “sanidade”.

Para Frayze-Pereira:

A animalidade escapa à domesticação e fascina o homem por seu furor, por sua desordem. Ela revela a monstruosa loucura que se oculta no interior dos homens: tudo o que neles existe de impossível, de inumano. No entanto, sob essa aparente desordem, a loucura fascina porque ela é saber. (FRAYZE-PEREIRA, 2007, p.54)

86

A associação da loucura com a animalidade que a sociedade no século XVI insistia delimitar fomentava a caracterização hedionda de um “sujeito louco”, ressaltando pontos negativos que corroboravam uma definição fantasiosa da loucura que se apresentava no indivíduo. Entretanto, como cita Freyze-Pereira (2007), a loucura desponta como um saber que, os indivíduos considerados normais não possuem.

Já no século XVII, a sociedade segundo Foucault (2007, p. 10), tratava os loucos como seres avessos a toda “normalidade”, as suas ações não tinham credibilidade, perdiam o contato com o meio, sofriam inúmeras violências e por fim, eram expulsos do convívio social. Os muros, que mantinham e asseguravam a separação e a marginalização dos seres considerados anormais, e que antes, constituíam verdadeiras prisões ou buracos em que os “insanos” eram jogados, permanecem até a atualidade servindo de subsídios para os hospícios.

Assim, para compreender esse sujeito “alienado”, que rompe com as normas, utilizando como base a simbologia, destaca-se “O Louco do tarô”, que é ressaltado como “A condição do ser humano sobre a Terra. Um homem com o chapéu de bobo, sacola nas costas, roupa extravagante e rasgada, caminha despreocupado, sendo perseguido por um cão” (GODO, 2006, p. 70). Ou seja, um indivíduo caricaturado, que na visão social, vaga sem um rumo, utiliza roupas semelhantes à de um palhaço, ficando à margem da sociedade.

A “carta coringa ou do louco”, segundo Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 560), no *Dicionário de Símbolos*, não apresenta numeração, porém, lhe é atribuído o número zero, enfatizando o vazio, pois “O louco não tem número. Ele se coloca, portanto, de fora do jogo, isto é, fora da cidade dos homens, fora dos muros”. Com isso, fica claro a exclusão dos indivíduos no jogo e também no meio social.

Com isso, o jogo do tarô traz consigo explicações para cada parte do louco detalhada na carta, como por exemplo, as cores da roupa traduzem o conflito emocional do ser, a sacola é colocada como o potencial e o conhecimento que o louco carrega consigo, a questão do cão pode ser entendida como o desejo, a emoção, ou seja, todo o jogo de conflitos estabelecidos pelo louco. Assim, se estudam as partes que compõem a imagem, para se compreender o louco como um todo. No *Dicionário de Símbolos* (2012), é ressaltado que:

O Louco, segundo a simbologia dos números, quer dizer o limite da palavra, o lado de lá da soma que não é outra coisa senão o vazio, a presença superada que se transforma em ausência, o saber último que se torna ignorância, disponibilidade: a cultura, aquilo que fica quando tudo mais é esquecido, como se diz. O Louco não é o nada, mas o vácuo do fana dos sufis, uma vez que nenhum haver é necessário, tornando-se a consciência do ser a consciência do mundo, da totalidade humana e material, da qual ele se desligou para avançar mais à frente. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2012, p.561)

Assim, o sujeito louco é um ser que está avesso a tudo que é considerado correto, ele é considerado um erro nas verdades da sociedade opressora. Mergulhado em seu universo, o “louco” avança em novas formas de compreender o mundo, com uma percepção inocente e fantástica dos elementos que o rodeiam.

De acordo com Foucault (2007, p. 20), “o fascínio exercido pela loucura é explicado pelo fato de se tratar de um novo saber que expõe conhecimentos que dificilmente viriam à tona por meio de pessoas consideradas normais”. Muitos sentimentos reprimidos são libertos e expostos claramente pelo louco. Seu olhar carrega uma pureza, ele domina certos campos inacessíveis aos demais seres, esse domínio assusta e incomoda quem os rodeia.

Segundo João Frayze-Pereira:

Na filosofia de Descartes (1596-1650), que se encontra na base do pensamento moderno, a loucura se vê privada do direito a alguma relação com a verdade. Sendo o “sujeito que duvida” ponto de partida do conhecimento verdadeiro, o louco jamais poderá atingi-lo, pois o ato de duvidar poderá atingi-lo, pois o ato duvidar implica o pensamento e aquele que pensa e, por princípio, anula essa possibilidade. (FRAYZE PEREIRA, 2007, p.61)

As ações ou colocações do ser considerado louco não possuíam, segundo o autor, credibilidade, já que a loucura era vista como o avesso da razão, e o indivíduo estava “mergulhado” em um meio de ilusões e fantasias. Com isso, a verdade era atribuída ao discurso do sujeito que impõe as normas e regras sociais, “duvidando” da racionalidade daquele “diagnosticado” como louco.

88

O sujeito considerado louco trilha um caminho contrário ao que tange a sociedade considerada “normal”. Ele se aplica a outra rota de compreensão e resolução de determinados acontecimentos que se diferenciam do senso comum, daquilo que já está pronto. Ele insinua, questiona, ignora, causando desconforto e desordem nas organizações que a sociedade implanta como verdades. Para Foucault:

A loucura é o lado despercebido da ordem, que faz com que o homem venha a ser, mesmo contra a vontade, o instrumento de uma sabedoria cuja finalidade ele não conhece; ela mede toda a distância que existe entre a providência e a providência, cálculo e finalidade. Nela se oculta toda a profundidade de uma sabedoria coletiva e que domina o tempo. (FOUCAULT, 2007, p.179)

Configurando-se como uma sabedoria, a loucura ganha cada vez mais destaque e desperta não só o interesse dos seres por esse campo recheado de surpresas, mas também o medo e a insatisfação dos efeitos que ela possa causar no comportamento das pessoas.

Com essa instabilidade ocasionada pela loucura, o discurso passou a ser a chave utilizada pelo setor social para abrir as comportas do poder normativo, para que ele inundasse os campos dos sujeitos, direcionando as atitudes e pensamentos formulados em uma espécie de esteio onde a relação de dominação e dominado ganha múltiplos contornos, rompendo com a característica negativa atrelada ao

discurso do poder na linha histórica, na tentativa de controlar os sujeitos “insanos” e conseqüentemente a loucura. Com isso, buscava segregar os seres “racionais” daqueles que possuíam algum “distúrbio patológico”.

De acordo com Frayze-Pereira:

A discriminação do normal e do patológico independe de contextos institucionais particulares. Isto é, a loucura é um fenômeno (psicológico e cultural) que pode assumir mil facetas, mas cuja forma é constante. Ora, à medida que a loucura significa um defeito da capacidade humana universal de simbolização e que esta define a humanidade bem como a cultura, ser louco significa ser des-humanizado (des-culturado), isto é, aquele que rompeu com a natureza humana. (FRAYZE PEREIRA, 2007, p.34)

89

Assim, a sociedade caracteriza o ser “louco” como indivíduo desprovido de humanidade, de racionalidade e de sentimentos, perdido em um meio obscuro e sem nexos. A loucura, fator considerado como de origem patológica pelo ciclo social, passa a ser considerada como uma doença que afeta o sujeito de tal maneira que este perde sua posição como cidadão, sua “humanidade”, sua “cultura” e seus direitos são negados, oprimido e recluso pelo seu meio.

O “louco” passou a representar todo o tipo de indivíduo que causasse um estranhamento ou apresentasse uma característica que fugisse da frágil normalidade que a sociedade aplicava em seu meio. Assim, para Michel Foucault,

E, mais que qualquer outra doença, a loucura manteve ao seu redor, até o final do século XVIII, todo um corpo de práticas ao mesmo tempo arcaicas pela origem, mágicas pela significação e extramédicas pelo sistema de aplicação. Tudo o que a loucura podia ocultar de poderes aterrorizantes alimentava, em sua vivacidade mal secreta, a vida abafada dessas práticas. (FOUCAULT, 2007, p.204)

Ao passo que a loucura buscava se estabelecer como uma manifestação que vislumbrava não só o campo patológico, mas também as relações do sujeito com os variados discursos sociais, ela mantinha em suas estruturas uma grande ligação com o conhecimento médico acerca da loucura, pelo fato de ser associada à razão e à capacidade do sujeito em raciocinar sobre um aceitável nível intelectual.

A sociedade nos séculos XVIII e XIX, com o aval da medicina, segundo os estudos de Foucault (2007), tentava manter a loucura presa aos estudos da “razão”, principalmente voltados para a mente. A questão comportamental era interpretada como um reflexo do aprofundamento do desvio mental do ser considerado louco.

O ser considerado avesso à normalidade está fora do espaço da razão, pois quando o outro identifica a ausência de sanidade, a loucura passa a ser o elemento que representa esse distanciamento do real. Considerando o espaço da racionalidade, o louco é aquele que vive imerso em seus devaneios e alucinações.

“Degenerado” em suas ações, o “alienado” é colocado à margem da convivência social, fazendo com que essa exclusão reflita nas formas de tratamento desse sujeito e também no desencadeamento de algumas doenças que favorecem e fortalecem a construção da loucura como fruto patológico.

Para Frayze-Pereira (2007), no final do século XVIII e início do século XIX, atribuiu-se à instituições psiquiátricas, o papel de curar os seres “insanos”,

A casa de internamento vai transformar-se em asilo. E neste, finalmente, a medicina vai encontrar um lugar – um lugar que lhe garantirá a possibilidade de apropriação do louco como o seu objeto de conhecimento (...) A loucura torna-se objeto médico: ganha o valor de doença. E a ligação entre o asilo e a doença forja-se como uma relação necessária. (FRAYZE-PEREIRA, 2007, p.83)

O internamento dos indivíduos “loucos” propicia à medicina, nesse momento, uma aproximação mais aprofundada com a loucura. Com isso, a loucura é estudada em bases patológicas, e o ser acometido por ela, sofre com o isolamento e com o tratamento que é submetido.

Existem inúmeros tipos de discursos, mas todos possuem um elo de ligação que surge na formação e no controle do sujeito. Cada indivíduo passa a ser monitorado pelas ações dos outros seres que corroboram com a marginalização e o autoritarismo das diferentes classes, pois essas relações de subserviência entre os sujeitos são constantemente aclamadas, pois na forma ativa, assumida por um determinado grupo, faz com que as suas atitudes e seus ideais se

sobreponham aos desejos dos demais, que se permitem a ação de dependência. Com isso, essa mecânica do poder fixada no discurso, vislumbra a construção do ser calcado e adequado aos seus benefícios, perpassando a política, a economia, entre outros setores sociais.

A normalização dos indivíduos insanos ganhou contornos nas aplicações das relações disciplinares de poder. O “louco” passou a sofrer com as técnicas que perpassava a violência física, para que se adequassem ao plano da sanidade. As medidas utilizadas pelos médicos, apoiadas no discurso social, visavam não só ao controle, mas também ao silenciamento da loucura que assombrava e incomodava os seres razoáveis. Assim, o interesse do poder de normalizar o indivíduo passou a ser priorizado nas diversas instâncias da sociedade, principalmente nos setores hospitalares.

Assim, o poder de normalização do indivíduo avançou não apenas nos setores de saúde, como uma aparente preocupação da sociedade com os seus “loucos”, mas também as diversas instâncias que apresentassem algum conflito ou se desviassem dos valores e dos ideais que eram colocados como fatores essenciais para o desenvolvimento e crescimento do coletivo.

Atribuído principalmente ao âmbito patológico, o conhecimento do médico configura-se como um reforço ao discurso do dominante em oprimir e excluir os seres que destoam daquilo que é considerado normal e aceitável dentro dos padrões sociais. O médico é o ser que detém o poder de analisar e diagnosticar a loucura, entretanto, o seu conhecimento estava restrito às camadas superficiais da insanidade, fazendo com que apenas alguns vestígios da loucura fossem identificados.

Assim, a loucura, por respaldar a imputabilidade dos indivíduos por seus atos, era utilizada, por muitos, como forma de escapar da condenação, da responsabilidade de alguns atos criminosos. Segundo Foucault (2007), o importante era saber se a loucura era real e qual o seu grau, pois, acreditava-se que quanto mais profunda fosse, mais a vontade do indivíduo seria considerada inocente, ou seja, a loucura era associada com o caráter inocente pela pureza de suas reflexões, o que, no entanto, não é tão simples.

2. Loucura e literatura

Na literatura, a loucura evidencia a voz do silenciado, como um elo de resistência contra as opressões sociais. A face da realidade surge por intermédio do louco, indivíduo excluído, oprimido e subjugado pelo poder que se vale da cultura como fonte para promover suas regras e padrões impostos como caminhos a serem seguidos.

Para Santos,

A literatura, como uma portadora fiel de um imaginário que se encontra “do outro lado” do concreto, pode constituir-se numa “narrativa do sensível” fidedigna sobre a loucura, no momento em que mostra a voz do paciente revelada pelo personagem. O “louco”, através de um discurso “não-oficial”, mostra o outro lado da realidade. (SANTOS, 2008, p.47)

92

Com isso, a personagem “louca” na obra, configura-se como a porta-voz, que propicia a denúncia social, em que o autor se propõe realizar. Assim, o outro que se delineia como um campo desconhecido, o diferente, entra em confronto com aquilo que está refletido na sociedade como o correto a seguir. Homens e mulheres que se configuram e se identificam com o diferente, com a desconstrução dos parâmetros sociais, passam a ter como embalagem para o seu eu subversivo, a loucura.

Nas últimas décadas, a loucura tem ganhado cada vez mais espaço no ambiente literário que verte não só os aspectos patológicos, mas também socioculturais. A presença do sujeito louco nas produções provoca rupturas com os parâmetros elencados pelo ciclo social como nortes a serem aderidos, para que os seres subjugados e silenciados possam ser aceitos dentro dos conceitos de normalidade que a sociedade definiu.

Segundo Santos,

Literatura, loucura e História Cultural, todas trabalham com sistemas simbólicos, passíveis de serem interpretados, em ambas as faces do imaginário. Com isto, quer-se dizer que sua inter-relação, no campo mesmo deste imaginário, pode satisfazer a meta de descortinar sensibilidades sobre a loucura, ocultadas pelas práticas sociais da exclusão. (SANTOS, 2008, p.50)

Assim, a “loucura” ressaltada nos textos literários viabiliza o descortinar, como cita Santos (2008) anteriormente, da visão sobre as relações sociais, seus aspectos dominantes, a marginalização fruto da opressão do poder que se arrasta durante a história e que verte nos aspectos culturais como, por exemplo, a prática do internamento que realiza o fato da exclusão dos indivíduos do meio social.

Com isso, emerge no campo literário a denúncia, que revela aspectos ainda desconhecidos ao que se relaciona com a loucura, como a visão dos seres considerados loucos respaldados por suas escritas “insanas”, a ótica do louco passa a ganhar espaço, sendo analisada não só a sua condição psicológica, mas também as suas relações dentro dos hospícios, às formas precárias de tratamentos em que são submetidos e principalmente a capacidade interpretativa dos fatos que os rodeiam, já que estão mergulhados no mundo da loucura.

Maura Lopes Cançado, diferentemente do que outras autoras apresentam em suas obras, que se atenta aos fatores externos das relações do sujeito alienado e o meio social, em sua obra *Hospício é Deus* (1965), a autora que é narradora-personagem, apresenta uma visão íntima sobre a loucura e o hospício, espaço que a sociedade destinou para ela, pois Maura foi considerada louca por seu comportamento transgressor em meio a uma sociedade conservadora, fazendo com que a mesma buscasse no hospício um refúgio e também respostas para as suas ações.

Ela era uma mulher que possuía um comportamento dúbio, “bipolar”, que lhe causou grandes transtornos sentimentais e sociais, que por intermédio do julgamento social, essas características lhe apresentaram o âmbito da loucura. Segundo Maurício Meireles,

Maura Lopes Cançado era uma figura ambígua. Ao mesmo tempo em que inspirava cuidados – seu tom de voz, dengoso, era uma de suas características –, a moça de cabelos volumosos era dada a arroubos. A fama de excêntrica crescia junto a reputação de escritora brilhante. Também era tomada por uma sensação de onipotência – o que se refletia em sua figura boquirrota, que se dizia a maior escritora da língua portuguesa. Pelo menos era o que andava falando pelo Rio de Janeiro da época. (MEIRELES, 2015, p.204)

Ao passo em que a autora transparecia uma imagem dócil e calma, ela tinha em si um caráter forte, determinado, firme, que apontavam os seus conflitos em momentos de rompantes, em que aparentemente ela perdia o controle e confrontava com qualquer sujeito que ousasse desafiá-la. Era uma mulher atraente, que mantinha a certeza de que conseguiria tudo aquilo que objetivasse.

A escritora nasceu em São Gonçalo do Abaeté, cidade de Minas Gerais, em 27 de janeiro de 1929. Com a saúde debilitada, quando criança, teve alguns distúrbios, entre eles aos sete anos de idade, teve seu primeiro ataque epilético. Filha de uma família tradicional, a autora não conseguia lidar com as colegas do colégio, no sentido de competitividade, pois na sua casa, ela tinha a visão de ser a pessoa mais importante.

De acordo com Meireles,

Aos sete anos, dizia às outras crianças ser filha de russos, ter uma irmã chamada Natacha e que seu tio nascera na China. Aos treze, encantada com a Segunda Guerra Mundial, quis estudar alemão para ser espiã nazista. No depoimento que deu à Justiça, após o crime que cometeria décadas depois, a escritora descreveu sua infância como “superangustiada”

Não era para menos. Como relata em *Hospício é Deus* – e reafirma à justiça –, a menina foi abusada sexualmente três vezes por empregados da família. A cada episódio desses, uma cena se repetia: Maura sentia-se culpada, pecadora e passava as noites chorando, com as luzes do quarto acesas. Tinha nojo ao imaginar que seus pais faziam sexo – mesmo assim, pagava a uma empregada para lhe relatar as intimidades com o marido. A menina começou a sentir-se “muito sensual” – e seus primeiros contatos sexuais foram com amigas. (MEIRELES, 2015, p.208)

Quando menina, Maura Lopes Cançado criava um contexto diferente para o seu mundo, sinalizando que a realidade que lhe era imposta causava um incômodo e um vazio em que ela denominava a sua infância como “superangustiada”, ou seja, as angústias e seus conflitos exalavam uma exaltação maior dos seus anseios, refletindo uma criança insegura que buscava em suas invenções uma fuga para aquele mal-estar que lhe acometia.

Em meio aos abusos sexuais que sofreu quando criança, o sentimento de culpa que a menina sentia a tornava mais contida em um “mundo ficcional” criado para bloquear aquele fato que lhe proporcionava tristezas e frustrações. O sentimento pueril que a menina nutria pelos pais e principalmente, seu amor e admiração pelo pai, despertava a repulsa quando ela imaginava o que acontecia entre eles.

Entretanto, os abusos não impediram que Maura se fechasse para o campo sexual, além de buscar saber sobre as intimidades dos empregados e ter relações com as amigas. Maura não se deteve às regras sociais da época, passando a ser vista como libertina, manteve caso com homem casado, fazendo com que todo esse seu comportamento fosse considerado inapropriado para os padrões da época.

Como escritora, Maura Lopes Cançado contou com o apoio de seus amigos do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, um dos veículos culturais mais importantes do país, entre eles, autores como Reynaldo Jardim, Assis Brasil, Ferreira Gullar, Carlos Heitor Cony, entre outros, que segundo Meireles (2015), revelaram a autora em 24 de agosto de 1958, por intermédio de um poema que Maura enviou para Ferreira Gullar que recomendou para Reynaldo Jardim publicar.

Em meio aos seus rompantes, a moça pairava em momentos de “fúria” e “tranquilidade”, e com isso, segundo Meireles (2015), entre arremessar um armário de aço em um colega de trabalho e fazer um escândalo com outro por fechar a porta do elevador sem que ela tenha entrado, a moça se mostrava desequilibrada, e assim não reconhecia suas alterações de humor. Ela não percebia que as atitudes de revolta e indignação, se tornavam “absurdas” e “incoerentes” para quem convivia com ela.

Assim,

Louca ou excêntrica – no começo, ninguém sabia direito –, Maura continuou por ali. Depois de publicar seu poema, começou a escrever um conto chamado “No quadrado de Joana”, sobre uma paciente catatônica. Sem máquina de escrever, ela entregava o manuscrito para a escritora Maria Alice Barroso datilografar. O texto saiu em 16 de novembro de 1958. Na capa do SDJB. (MEIRELES, 2015, p.205)

A dúvida das pessoas que conviviam com a moça, em relação à sua sanidade, não a impediu de trabalhar inicialmente no jornal, produzindo contos, poemas, que futuramente iriam subsidiar mais uma obra em sua carreira de escritora. E suas excentricidades fizeram de Maura um ser à frente do seu tempo, pois ela enfrentava o que estava sendo colocado como normas, e se deleitava em satisfazer suas vontades e seus caprichos, não se importando com o que o outro ou o ciclo social iria pensar ou considerar em relação as suas atitudes.

A escritora procurou o internamento como refúgio para os seus conflitos, em um mundo que a reprimia e causava-lhe transtornos, o sanatório parecia sua saída mais emergente. Assim, segundo Meireles (2015), em 20 de abril de 1949, Maura se internou na Casa de Saúde Santa Maria, em Minas Gerais, “diagnosticada com ‘mal comicial’ (epilepsia)” (MEIRELES, 2015, p. 213), iniciando assim o seu caminho pelos hospícios, os internamentos e os mais variados tratamentos que beiravam a tortura e o isolamento.

Segundo Meireles (2015), a obra *Hospício é Deus* (1965), é consequência da internação de Maura Lopes Cançado no Hospital Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro, entre 1959 e 1960. “Onde, ao todo, a autora foi internada pelo menos doze vezes; sem contar outras clínicas” (MEIRELES, 2015, p. 218).

A autora também passou pela Clínica de Saúde Dr. Eiras, localizada em Botafogo, onde segundo Meireles (2015), foi internada pelo o filho Cesarion, que cuidava da escritora. Maura Lopes Cançado passou por prisões e manicômio judiciário, até chegar na clínica Renault Lambert, em Jacarepaguá, sua última internação.

A obra além de trazer relatos da vida da autora, destaca a loucura no espaço do internamento, o meio em que a sociedade encontrou de isolar e “tratar” seus loucos. Entretanto, um dos pontos mais instigante dessa obra é que não possibilita apenas uma reflexão do que a psiquiatria e o sistema social conceituavam como loucura, mas a obra traz em si a visão de um indivíduo considerado louco, o íntimo ganha destaque não ficando apenas em meras suposições, mas o relato de Maura Lopes Cançado possibilita um maior conhecimento e aprofundamento daquilo que se conhece sobre a loucura.

Assim a obra de Maura possibilitava não só uma reavaliação do conceito de loucura empregado pela sociedade, mas ressalta uma nova visão sobre aquilo que se é considerado insanidade. A visão de uma escritora “louca”, mergulhada em um ambiente em que a razão e a insanidade duelam para que o predomínio de uma sobre a outra se massifique, subsidia uma análise mais detalhista e aprofundada do próprio eu, do sujeito e seus conflitos internos.

É questionável a sanidade apresentada por um ser que é considerado louco pelo julgo social, conseguir escrever, expondo seu ponto de vista e sua vivência em um espaço destinado ao “indivíduo insano”. A autora vai mais longe do que só relatar a sua vida e conseqüentemente a sua experiência nos hospícios, mas ela provoca, questiona, insinua e desconstrói as normas e regras tidas como verdades pela sociedade. A escritora passa a questionar as formas de tratamento aplicado pelos médicos aos pacientes que estão internados no hospício, apontando a violência utilizada contra os internos e expondo suas dúvidas e indagações sobre si, a sua forma de agir e pensar sobre a loucura e também sobre o posicionamento obsoleto e segregador da sociedade da época.

Com problemas respiratórios, um enfisema pulmonar que se agregou ao fumo, a escritora veio a óbito em 1993, na clínica Renauld Lambert. Com isso, a escritora, que no passado era apaixonada por aviões, sentia-se livre ao pilotar, e transferiu essa liberdade para a sua vida, não se adequando às regras sociais, deixa sua marca na escrita literária não apenas como um registro histórico da loucura na literatura, mas corrobora com novos caminhos para que as múltiplas visões sobre a insanidade, tanto do fator externo quanto interno que se liga ao indivíduo, sejam consideradas em suas mais diversas formas.

Nas primeiras descrições, a autora, narradora-personagem, se apresenta como uma menina que conservava um apego profundo com a família, admirava a irmã mais velha e se refestelava com a liberdade que tinha na fazenda dos pais. Seus medos, anseios e angústias também foram citados logo no início, apontando para um desequilíbrio emocional que era fomentado pela proteção e os mimos feitos pelos pais de Maura Lopes Cançado.

A proteção exagerada dos pais da autora era resultado do estado de saúde em que a menina apresentou até os sete anos de idade, levando os pais a fazerem até mesmo uma promessa para que a filha fosse curada “Só me restava ficar com o branco, pois me vestiram de azul e branco até os sete anos (promessa feita a Nossa Senhora, quando estive muito doente)” (CANÇADO, 2015, p. 08). A escritora sofria, quando criança, ataques epiléticos que se estenderam até a adolescência e lhe causavam desconforto e receio.

Ela apresenta uma profunda identificação com a figura paterna. A menina via no pai uma base sólida, um refúgio para quando fosse necessário se abrigar. Sabia que ele poderia defendê-la, admirava a sua bravura e seu jeito de ser, tanto que afirma ter “herdado” do pai o temperamento, que ela classifica como “paranoide”, ou seja, um transtorno na personalidade, que tinha oscilações comportamentais. Assim, o pai sensível, tornava-se agressivo e perigoso.

Para Maura Lopes Cançado, o pai era honesto, bondoso, lúcido e que teve uma vida incompreendida. Ele não aceitou o casamento de uma de suas filhas, rejeitando a moça e passando a ficar isolado em sua dor. A menina nutria pelo pai um sentimento de reconhecimento e identificação.

Estava constantemente em grandes demandas de terras. Eu o ouvia na sala, falando a pessoas que o escutavam atentas e sérias. “Eu faço e aconteço. Para isso tenho dinheiro e coragem”. Aquilo me soava familiar, sabia exatamente o significado de “fazer e acontecer”. (CANÇADO, 2015, p.10)

O “fazer e acontecer” soava como algo além do limite para a menina, a liberdade que ela prezava se constituía nessa frase dita pelo pai. Com isso, a autora se via representada na figura arrogante e centralizada, que conseguiu manter o poder em relação aos outros sujeitos. A família do pai de Maura Lopes tinha muito respeito político e ostentava financeiramente.

Maura Lopes ressaltou em sua escrita que desenvolveu o medo da morte devido a uma dúvida de sua mãe em ter enterrado um homem que não mostrava sinais de que estava realmente morto. O sujeito em questão era Antônio, um rapaz que foi criado pelos pais de Cançado

(2015), e que tinha se tornado padrinho da escritora. A escritora ressaltou também que seu irmão José, teve um sonho com o defunto e que o mesmo havia dito que voltaria para buscá-la. Assim, ela achava que morreria logo.

Esse medo da morte somado à proteção exagerada por parte dos pais devido ao seu estado de saúde, fizeram com que a menina começasse a dar vazão às angústias, inseguranças, e a um aspecto solitário. Para Cançado (2015, p. 12), “De certa forma isso me trouxe grande solidão – por não me sentir bem uma menina”. Com isso, a liberdade que Maura desfrutava e prezava, passou a ser limitada causando desconforto e tristeza.

Maura Lopes Cançado destaca na sua obra,

99

Ainda o que me davam parecia pouco. Formou-se no meu ser séria resistência às pessoas e coisas conhecidas. Então inventei o brinquedo sério do FAZ DE CONTA. E me elegi a rainha. Muito tímida, costumava passar os dias brincando pelos quintais, travei relações com uma árvore, a qual considerava comadre e maior amiga. Visitava-a diariamente, perguntando pela saúde dos filhos, uns galhos secos, sedentos, mas todos meus afilhados. Os diálogos corriam animados. Não havia agressão de parte alguma, já que eu formulava as perguntas e dava as respostas. Agora que escrevo tenho em mente a árvore minha amiga: perto do chiqueiro, completamente despida de folhas, mas rica de rolinhas cantadeiras – que, como eu fazia dali seu local de extravasão. (CANÇADO, 2015, p.13)

Mesmo rodeada de todos os mimos e cuidados, a menina sentia necessidade em buscar novas coisas que suprissem as suas necessidades. Assim, o que já estava a sua disposição e por ser de fácil acesso, ela passou a rejeitar, havendo uma resistência em aceitar aquilo o que estavam lhe dando.

A escritora fez da fantasia seu brinquedo mais estimado. Ganhando contornos de criação, o “faz de conta” foi o meio que Maura Lopes Cançado encontrou para satisfazer seus anseios e suas curiosidades, uma forma de “extravasão” como ela coloca no seu texto. Pode-se perceber também a análise que a escritora faz da árvore, correlacionando com ela própria, pois, assim como a árvore, sua “amiga”, que estava perto de um chiqueiro e despida de folhas, ela também se via em um lugar que já causava um desconforto para ela e com isso, fazia daquele ambiente um lugar para extravasar as sensações.

Com a mesma faixa etária que iniciou suas leituras, Maura Lopes também teve conhecimento sobre sexo e Deus. A autora relata que aos cinco anos, escutava relatos das empregadas da fazenda sobre sexo e também visualizava os animais praticando o ato, aquilo lhe chamava a atenção, entretanto, foi levada a acreditar que o sexo era algo pecaminoso. De acordo com Maura, ela sentia prazer “nas coisas feias” (CANÇADO, 2015, p. 16). Assim, esses depoimentos e a visão dos animais praticando o ato sexual despertavam interesse e curiosidade na menina.

Segundo Cançado (2015), na mesma época apareceu na sua vida a figura de Deus, imposto como um ser implacável, poderoso e que não poderia ser escondido nada dele,

100

Mais ou menos nesta época me impuseram deus, um ser poderoso, vingativo, de quem nada se podia ocultar. A resistência em me preocupar com a imortalidade da alma. Por que temia ser enterrada viva, ao invés de temer algo mais sério, o Julgamento Divino? O inferno me estava reservado, tinha quase certeza, entanto meu verdadeiro medo era imaginar-me sob os sete palmos de terra, sem me mover ou respirar. Não fui além de um misticismo biológico, se posso assim dizer. E minha ambivalência. Que dizer dos fantasmas que me povoavam as noites? E os demônios? [...] O céu pareceu-me sempre absurdo e frio, santos e anjos me assustavam quase tanto quanto meus demônios [...] Minhas esperanças e temores brotavam da terra – o céu pesava sobre mim em forma de medo. (CANÇADO, 2015, p.16)

A imagem de Deus para a autora soava como algo impiedoso, um ser que inspirava o medo, algo que ela já sentia, colaborando para o temor da morte. Maura Lopes sentia rejeição por toda a religiosidade e misticismo que o céu e a figura de Deus envolviam. O espaço santificado pela religião lhe causava mais desconforto do que o próprio ambiente em que estava inserida. Seus “demônios” acabavam sendo sujeitos mais amenos na contribuição na sensação do medo do que os anjos que ganhavam contornos límpidos e estranhos diante da concepção da menina.

Deus, uma figura ambivalente na concepção de Maura Lopes, passou a influenciar os temores da menina durante a sua vida. A autora não conseguia entender como iria temer a um ser que não conseguia ver e que devido à construção social da figura Divina, se tratava de

um ser tirano e impiedoso. Assim, isso contribuía para que Maura Lopes, ensinada que deveria amar a Deus, entrasse em conflito com seu sentimento de culpa, por achar esse dever uma coisa falsa e sem sentido.

Os temores de Maura Lopes interferiam de forma significativa na composição de seu comportamento. A escritora revela em seu diário que tinha uma satisfação inexplicável em irritar a sua mãe,

Costumava aborrecer mamãe sem nenhum motivo aparente. Deitava-me no chão e gritava com desespero. Arranjava um motivo (ou não arranjava), mas a verdade é que alguma coisa bem íntima levava-me a este comportamento. Uma satisfação inexplicável, desejo de sofrer e fazer sofrer, como a expulsar de mim algo escuro, indefinido e insuportável. Estas cenas eram quase diárias e não sei se viveria sem elas. (CANÇADO, 2015, p.17)

Maura Lopes se satisfazia com seus “ataques” comportamentais, sentindo prazer em chamar atenção e deixar preocupada a sua família. Entretanto, esse tipo de comportamento, era uma válvula de escape para que a menina colocasse para fora o acúmulo de sensações e os resultados que seus temores causavam diariamente. Também, serviam como mais um meio que a escritora utilizava para obter a atenção de todos.

A autora ressalta que sofria de carência afetiva, por mais que os pais cuidassem e lhe dessem atenção, sempre queria mais, e os exageros dos cuidados familiares por conta de seu estado de saúde, fomentavam o caminho contrário, a menina se encontrava sozinha e com questionamentos que lhe impulsionavam a um estado de inquietação e aflição.

Em meio a um ambiente hostil, Maura Lopes se encontrava à margem da sociedade, por ser em primeira instância, uma mulher de temperamento forte, que já causava um estranhamento no ciclo social, somado a sua posição, de ser uma mulher divorciada, sem um marido que pudesse “representá-la”, causando reações negativas na escritora,

Procurei retratar-me até os dezessete anos, embora fatos ocorridos dentro desta idade estejam registrados neste Diário, em minhas conversas com o médico. Desde então tudo tomou caráter mais grave e penoso; passei a sofrer com brutalidade os reflexos do condicionamento

imposto a uma adolescente numa sociedade burguesa, principalmente mineira – e principalmente quando esta adolescente julga perceber além das verdades que lhe impõem, e tem, ela mesma, sua própria verdade. É, portanto, a metade do meu álbum: apresentei a moça de dezesseis anos, bonita, rica, aviadora; sem futuro – mas uma grande promessa. (CANÇADO, 2015, p.24)

A escritora julgava ver além das “verdades” colocadas pelo cerco social, pois possuía também as suas próprias convicções, com isso, descrita como bonita, rica, mas sem futuro, descrição esta fruto dos pensamentos negativos que existiam em Maura Lopes, a autora faz um apanhado da sua vida na obra, expondo a sua história, e assim, essas “verdades” futuramente seriam entendidas pela sociedade como loucura e pela própria autora que indagava sobre a “insanidade”.

102

A autora destaca ter passado por alguns hospícios, o primeiro foi à Casa de Saúde do Alto da Boa Vista, lugar elegante, frequentado por pessoas de alto valor aquisitivo, ela afirma não ter ficado muito tempo no local. Nesse mesmo espaço, ela se deparou com o “tratamento” direcionado para os internos,

A princípio pareceu-me divertido. Em breve, deixei-me tomar por profunda insatisfação e tédio, passei a desejar mudar-me de sanatório. Insisti para que me fizessem choques insulínicos. Não me atenderam. Um dia tive séria agitação: tornei-me agressiva, tentei despir-me no jardim do sanatório. Aplicaram-me Sonifene na veia, dormi imediatamente, quando despertei, foi para iniciar a fase mais aguda da minha doença, até hoje. Teria sido vítima de um tratamento errado? Desde que tomei Sonifene caí num círculo vicioso: tomava-o para acalmar-me (com grande revolta da minha parte), e ao acordar, voltava tão agressiva, em tal estado de agitação, que se viam obrigados a aplicar-me outra dose. Assim, sucessivamente, e só melhorei mais tarde, quando me fizeram insulina. (CANÇADO, 2015, p.107)

Por sentir-se insatisfeita com o local onde se encontrava, a autora em uma tentativa de ser atendida e trocar de sanatório, procura chamar atenção, como fazia quando menina, só que de uma forma mais séria e mais grave, fica despida, comportamento este, que muitos dos sujeitos internados nesses locais possuem. Com isso, Maura Lopes tem contato com o “tratamento” ministrado para os indivíduos considerados loucos.

Na obra, a personagem narradora ressalta que ao ter contato com a medicação, desencadeou algo diferente no seu interior, para a escritora, é como se a “loucura” estivesse se originando naquele momento. Ela havia se tornado dependente da medicação, utilizando-o em todas as suas oscilações de humor. Percebia que tinha ficado viciada em Sonifene e isso lhe causava raiva, mas não conseguia controlar a necessidade de consumir o produto.

A loucura passa a ser um elemento íntimo de Maura Lopes, inserida no ambiente do Hospício. Ambos se fundem como uma marca, deixando a personagem narradora afastada do ciclo “racional” e lhe atribuindo uma negatividade que ao passo que lhe permitia extravasar as suas sensações, enclausurava a escritora, que se sentia isolada e incapaz de romper com o cerco que criara desde menina.

Assim, na sua tentativa de compreender e entender o “louco”, a escritora ressalta que ele é eterno, podendo se perpetuar e vencer a morte, elemento que Maura Lopes renegava, já que o sujeito “louco” possui um conhecimento e uma realidade que ainda é desconhecido para os demais sujeitos, detentores da “verdade”.

Segundo Foucault, em seu texto “O louco no jardim das espécies”,

O louco é o outro em relação aos outros: o outro – no sentido da exceção – entre os outros – no sentido universal. Toda forma de interioridade é, agora, conjurada: o louco é evidente, mas seu perfil se destaca sobre o espaço exterior; e o relacionamento que o define entrega-o totalmente, através do jogo das comparações objetivas, ao olhar do sujeito razoável. Entre o louco e o sujeito que pronuncia “esse aí é um louco”, estabelece-se um enorme fosso, que não é mais o vazio cartesiano do “não sou esse aí” mas que está ocupado pela plenitude de um duplo sistema de alteridade: distância doravante inteiramente povoada de pontos de referência, por conseguinte mensurável e variável; o louco é mais ou menos diferente no grupo dos outros que, por sua vez, é mais ou menos universal. (FOUCAULT, 2007, p.183)

Esse sujeito “razoável”, ressaltado na explicação de Foucault é representado pela sociedade que utiliza uma visão “aparentemente” do todo para caracterizar o sujeito como “louco”. Este, por sua vez, se difere dos demais por revelar em suas ações, verdades que estavam submersas

no mundo dito “normal” e, também, por não seguir a conduta do meio dominante. Já o meio social, que engloba os seres considerados, ou melhor, que se consideram normais, é considerado universal por possuir o poder econômico, que lhes servem de base para definir o que é ou não a “loucura”.

Maura Lopes estava imersa no ambiente que se direcionava ao sujeito “louco”, nesse espaço, ela ia sendo apresentada a uma realidade social ainda desconhecida. Nas páginas de seu diário, a autora delinea não só o aspecto físico do hospício, mas também a sua vivência com o quadro clínico, a sua visão em relação à loucura e os problemas enfrentados por aqueles que são excluídos do convívio social.

104

Assim, a escritora afirma que, quando se transpõe para o universo daqueles que são deixados à margem, o sujeito ganha uma nova visibilidade, ele passa a ter uma “santidade”, pois se torna inviolável por estar em um mundo desconhecido, apesar da morte se tornar algo de concreto para todos, o “louco” é um indivíduo que alcança a santidade, por estar em uma realidade que escapa às amarras sociais, tornando-se livre.

Segundo Foucault,

A linguagem é a estrutura primeira e última da loucura. Ela é sua forma constituinte, é nela que repousam os ciclos nos quais ela enuncia sua natureza. O fato de a essência da loucura poder ser definida, enfim, na estrutura simples de um discurso não a remete a uma natureza puramente psicológica, mas lhe dá ascendência sobre a totalidade da alma e do corpo; esse discurso é simultaneamente linguagem silenciosa que o espírito formula a si mesmo na verdade que lhe é própria e articulação visível nos movimentos do corpo. (FOUCAULT, 2007, p.237)

Por intermédio do discurso social, a loucura se configura e passa a ser constituída como resultado aquilo que se desvia dos parâmetros apontados como verdade a ser seguida. Com isso, por intermédio da linguagem, que engloba o exterior e o interior, por ser oriunda de um fluxo de pensamento e por representar o sujeito, a loucura ganha expressividade.

O discurso da escritora expõe os fatores que marginalizavam a “loucura”, enveredando pelo caminho da violência, demonstrando a falta de conhecimento e de preparo da sociedade. A transgressão marcada por esse discurso revela uma mulher que não só transpõe os muros sociais, mas apresenta de forma íntima os aspectos nebulosos que se constituem ao redor da “insanidade”

O hospício ganha um olhar diferenciado diante das descrições de Maura Lopes Cançado, não só por está internada em um ambiente de clausura e de retidão, mas por está mergulhada na “realidade” do indivíduo “louco”, por ser considerada “louca” pela sociedade e elaborar reflexões sobre a própria loucura, com isso,

105

Estar no hospício não significa ser superior. O doente, ainda preso ao mundo de onde não saiu completamente, tratado com brutalidade, desrespeito, maldade mesmo, reage. Tenta agarrar-se ao mundo de onde não saiu completamente. Apega-se a seus antigos valores, dos quais não se libertou tranquilo. Principalmente teme: a característica do doente mental é o medo (não o medo das guardas, dos médicos. O medo de se perder do todo antes de se encontrar). Considero um noviciado, depois do quê as provas perdem a razão de ser. Quem consegue corromper dona Auda? (Não creio que venha a me tornar louca. Sou demais pequena e covarde. Mesmo, não possuo muita paciência e o noviciado é longo.) (Ou serei noviça há muito tempo?)

De novo: o que me assombra na loucura é a eternidade.

Ou: a eternidade é a loucura.

Ser louco para mim é chegar lá.

Onde? – pergunto vendo dona Marina. As coisas absolutas, os mundos impenetráveis. Estas mulheres, comemos juntas. Não as conheço [...]. (CANÇADO, 2015, p.26)

A personagem narradora ressalta a forma como o indivíduo considerado “louco” passa a ser “tratado” dentro do hospício e como ele lida com o tratamento que lhe é direcionado. Ao ser reprimido e maltratado, o sujeito encontra a possibilidade de segurança em seus antigos valores que estão presos às normas impostas pela sociedade.

Com isso, a liberdade proporcionada pela loucura ainda não é desfrutada em seu todo, segundo Maura Lopes, o sujeito ainda permanece preso, inicialmente, ao mundo que o excluiu, deixando a margem social, nutrindo o medo de se “perder” do ciclo antes que ele se reconheça na “realidade” da loucura.

Maura Lopes, adentrava os “mundos impenetráveis” da loucura, expondo a sua forma de agir e de se expressar diante dos fatores sociais, lidando com o tradicionalismo da época, em que a mulher era submetida ao homem e o patriarcalismo vigente. Por intermédio da sua obra, ela relata a sua experiência com a “realidade” desconhecida pelos indivíduos considerados normais, tendo como palco para essa exposição, o hospital psiquiátrico.

Em sua obra, a escritora ressaltava que,

Estou de novo aqui, e isto é -----Por que não dizer? Dói. Será por isto que venho? – Estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, enxague – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o quê, porque Hospício é deus. (CANÇADO, 2015, p.26)

Descrevendo como um espaço em branco, em que vai descortinando as pessoas, as coisas e o próprio ambiente, a escritora se questiona por permanecer naquele espaço vazio, sem vida e que lhe proporciona dor, tristeza e múltiplas sensações que lhe ocasionam uma hostilidade por se encontrar perdida, maltratada, perambulando nos corredores sem direção, buscando sanar suas dúvidas, ansiedades e seus medos.

Em *Hospício é Deus*, a personagem narradora afirma que viver em um hospício e ter que lidar diariamente com o inesperado, com as variações de comportamentos e de manifestações afetivas e o desconhecimento sobre esse mundo que “eterniza” o sujeito “louco”. Por ser ainda o ambiente indefinido, vago, incerto, a escritora associa o Hospício a Deus, que julgava, quando criança, desconhecer, ser algo impiedoso, tirano, que condenava todos aqueles que “pecavam”. Assim, como se considerava pecadora, Maura Lopes rejeitava a presença de Deus em sua vida, até por que, não conseguia crer naquilo que não conseguia ver, e todas as informações que tinha sobre ele, eram negativas.

Ela não se enquadrava nos padrões vigentes da época, uma jovem mãe, divorciada, que trabalhava e confrontava os ideais da sociedade com as suas verdades, fazendo com que essa relação de confronto fomentasse ainda mais o desequilíbrio emocional em Maura Lopes, que se encontrava injustiçada e marginalizada, mas que não mudava a sua concepção e nem deixava as suas verdades, sua visão e seu conhecimento de lado.

Assim, a loucura é relacionada à Maura Lopes, não só por ela apresentar um problema patológico, como apontado anteriormente, mas por seu comportamento não se enquadrar as regras sociais da época. Com isso, para Frayze-Pereira,

107

[...] loucura é a profunda tomada de autoconsciência. É a rejeição de um mundo preestabelecido e moldado normalmente; os loucos expressam seu verdadeiro ser. Não têm medo de mostrar as verdades para o mundo. Os loucos são os que sabem olhar o mundo com os olhos da realidade. Por isso mesmo são reprimidos pela sociedade. (FRAYZE PEREIRA, 2007, p.9)

A loucura seria, de acordo com Frayze-Pereira (2007), o despertar para uma realidade não ficcional, mas uma representativa primária do indivíduo, ou seja, uma negação daquilo que é construído e imposto dentro da “normalidade” relativa da sociedade dominadora e desmedida.

Com isso, a loucura não se configuraria como a ausência de discernimento, pelo contrário, ela proporciona a lucidez ao ser que transpõe os muros sociais já citados. Com isso, o sujeito “louco” se expõe sem máscaras, ele apresenta sua forma de ver e de agir sem receios, não seguem e nem tem o comprometimento de seguir os valores sociais, pois em sua realidade, as normas vigentes não são aplicadas.

Com isso, para Foucault (2007, p. 232), “Imagem não é loucura”, pois, ela é algo exterior, relativa e limitada, ela não consegue definir um indivíduo, pois não abrange o ser como um todo. Assim, o julgamento social que marginalizava Maura Lopes Cançado era incoerente, pois, a imagem que se tinha da escritora não era a que realmente seria ela, e sim uma afronta àquele ambiente de injustiça que ela abominava porque buscava se entender, afirmar-se e ser reconhecida, assim, não buscava aparentar nada, ela era como queria, vivia para ela e não para satisfazer a sociedade.

3. Considerações finais

Com base no que foi apresentado, percebe-se que o discurso social se vale da loucura como um delimitador da ação dos homens. Atribuía-se à loucura os mais diversos tipos de comportamentos que não estavam de acordo com o padrão de “normalidade” e os modelos de valores morais a ser seguidos.

Assim, enfrentando o obsoleto conhecimento social e seus próprios conflitos, frutos de um passado não transposto, emergindo por intermédio de suas reminiscências, Maura Lopes Cançado se depara com o mundo do desatino, construído por um discurso social marginalizador e dominador, que passa a excluir, a julgar e a discriminar os sujeitos que, em seus respectivos contextos, apresentem algum tipo de característica ou comportamento que fuja às normas apontadas como parâmetros a serem seguidos e que são pilares para a constituição da sanidade.

A escritora expõe fatos de sua vida em seu diário que, inicialmente, se encontrava mergulhada no tradicionalismo, na cultura patriarcal, em um meio afetado pelo machismo e pela burguesia, onde a mulher era vista apenas como um instrumento de satisfação e apoio do homem, sendo oprimida, silenciada e culpada.

Nas passagens da obra, a autora pontua a sua relação com a família, o amor pelo pai, os medos e os anseios que a acompanhavam e que fomentaram a inconstância emocional em seu interior. Dona de uma personalidade forte e de uma inteligência excepcional, a autora escandalizava o ciclo social tradicional com suas inovações e sua visão diferenciada daquilo o que lhe era imposto. Maura Lopes não se enquadrava no modelo de mulher, dona de casa, que tinha nascido para casar e ter filhos, dependendo do marido para sobreviver. Ela buscava sua liberdade, a sua independência, preencher o vazio que se tornara seu companheiro durante a vida.

A autora ressalta que desejava ser amada, entretanto, seu comportamento oscilante, afastava os sujeitos e a empurrava para o isolamento. Ela tinha receio de ficar sozinha e o diagnóstico médico sobre o seu problema de saúde subsidiou o aumento do desequilíbrio emocional e comportamental em Maura Lopes, que encontrou no hospício uma forma de “libertação” do meio que a sufocava e limitava.

Entretanto, ela se depara no internamento, com as obscuridades e os elementos que permeiam o âmbito da loucura. O discurso médico é o que prevalece nesse ambiente, sendo utilizado como parâmetro para atribuir racionalidade ao sujeito considerado “louco”. Outro fator destacado nos relatos da escritora é a violência a que eram submetidos os internos, a falta de cuidado e a negligência sofrida pela própria Maura Lopes, em suas passagens pelos manicômios.

Enclausurada pelo internamento, Maura Lopes se encontrava enquadrada e intitulada como “louca”, sua fala, sua escrita, seu comportamento, eram representações da loucura que se instalara em seu ser. Assim, o confronto proposto pela linguagem desenvolvida pelo seu discurso “insano” revela denúncia, rompe com os parâmetros sociais, constitui múltiplas visões sobre os variados tipos de fatores sociais. Com isso, questiona aquilo que está pronto, acabado, burlando a mecânica do discurso social segregador, propondo novos polos de conhecimento.

A hegemonia da burguesia social vigente na época permitiu que a loucura fosse considerada uma resposta para as lacunas comportamentais da personagem, que vivia à beira, ou seja, à margem do meio social. Ela tinha sua vida resumida aos muros manicômiais, não possuía uma plenitude em seu contexto, sendo separada do convívio social, ficando à mercê do preconceito e da hipocrisia hedionda, apresentando uma ausência que a fragilizava e, ao mesmo tempo, a impulsionava para que pudesse denunciar e expor aquilo que ficava escondido e silenciado no campo da loucura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Angela (org). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BODEI, Remo. *As lógicas do delírio: razão, afeto, loucura*. Bauru: EDUSC, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: Diário I*. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Tradução Vera da Costa e Silva (et al.). 26ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice. Loucas e Sedutoras: Um convite à leitura de Clarice Lispector. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia, Campus II – Alagoinhas*. Vol. 02 nº 01, 2012. Disponível em: <<http://www.poscritica.uneb.br>>. Acesso em: 01/07/2016.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2007

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974 – 1975)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRAYZE-PEREIRA, João. *O que é loucura*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

GODO, Carlos. *O tarô de Marselha*. São Paulo: Pensamento, 2006.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MARIA, Luzia de. *Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira*. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

MATOS, Edinaldo de. Lygia Fagundes Telles: a outra face de Edgar Allan Poe na contemporaneidade. *Revista Athenas*, vol. 01, 2011. Acesso em 29/06/2016. Disponível em: <<https://sobreomedo.wordpress.com>>.

MEIRELES, Mauricio. Perfil Biográfico. In: CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: Diário I*. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

OLIVEIRA, Edmar. *Ouvindo vozes: histórias do hospício e lendas do encantamento*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

SANTOS, Nádia Maria Weber. *Narrativas da loucura e histórias de sensibilidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe. Literatura, loucura e autoria feminina: Maura Lopes Cançado em sua autorrepresentação da escritora louca. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural*. N° 01. Vol. 01, p. 85-98, 2011.